

INCLUSÃO SOCIAL DE PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS E A PRÁTICA DO TURISMO EM ÁREAS NATURAIS: RELATO DE CASO NO PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA (PETAR-SP) [SOCIAL INCLUSION OF INDIVIDUALS WITH SPECIAL NEEDS AND TOURISM IN NATURAL AREAS: CASE STUDY IN THE STATE TOURIST PARK OF THE UPPER RIBEIRA (PETAR –SP)]

Robson de Almeida ZAMPAULO *; Claudia Santos LUZ **; Érica NUNES ***

Centro Universitário Fundação Santo André (FSA)

Av: Príncipe de Gales, 821, B. Príncipe de Gales, Santo André-SP, CEP: 09060-650

* rzampaulo@yahoo.com.br (GESMAR); ** luzfogo@hotmail.com (FSA/GESMAR);

*** eriquinhanunes@ig.com.br (UMESP)

RESUMO

Criado em 1958, o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) é uma importante unidade de conservação do estado de São Paulo, possuindo um rico patrimônio espeleológico composto por mais de 200 cavernas, das quais, aproximadamente 25 cavernas são utilizadas para a visitação. O Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mar (GESMAR), tem na região, um dos seus principais focos de atuação desenvolvendo pesquisas, fazendo prospecção ou ainda promovendo atividades didáticas de visitação, com o objetivo de difundir o conhecimento técnico científico e a prática da educação ambiental, estimulando a formação de futuros pesquisadores e atores sociais, que possam vir a contribuir com a região. Nos dias 16 e 17 de outubro de 2004, o grupo realizou uma atividade no Parque, atendendo 45 visitantes, entre estes, alunos graduandos do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA) e alguns convidados. Nesta atividade, contamos com a participação de uma Pessoa Portadora de Necessidades Especiais (PPNE). O presente trabalho pretende relatar a experiência realizada por nosso grupo em uma atividade de inclusão social, através da visitação de cavernas no PETAR. Desta forma, pretende-se, estimular a discussão sobre a necessidade de adaptações na infra-estrutura turística das unidades de conservação destinadas a visitação, em especial os ambientes cársticos, bem como, a formação recursos humanos especializadas na realização deste tipo de atividade.

Palavras-Chave: Inclusão Social, Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, Turismo, Cavernas, PETAR.

[ABSTRACT]

Created in 1958, the State Tourist Park of the Upper Ribeira (PETAR) is an important conservation unit of the state of São Paulo, with a rich speleological heritage composed of more than 200 caves, of which approximately 25 are used for visitation. The Group for Environmental Studies of the Serra do Mar (GESMAR) focuses some of its actions on the development of research in the region, including prospection and the promotion of educational activities for visitors, with the objective of divulgation of technical and scientific knowledge and the practice of environmental education, thus stimulating the formation of future research workers and social agents who may contribute to the region in the future. On October 16-17, 2004, the group realized an activity in the park for 45 visitors, among them students graduating from the Centro Univeritário Fundação Santo André (FSA) and other guests. One of the participants was a person with special needs (PSN). This paper provides information about the experience of the group in this activity and the way in which social inclusion was fostered in visits to the caves of PETAR. It is intended to stimulate discussion about the need for adaptation in the infrastructure provided for tourists in units of conservation intended for visitation, especially in karst areas, as well as the formation of human resources specialized in the realization of this kind of activity.

Key words: Social Inclusion, Person with Special Needs, Tourism, Caves, PETAR.

PARQUE ESTADUAL TURÍSTICO DO ALTO RIBEIRA (PETAR)

O Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), está localizado no sul do estado de São Paulo, a aproximadamente, 350 km da capital. Constitui, um rico cenário de fundamental importância para o estado e para o país, por apresentar um amplo patrimônio espeleológico inserido em um preservado remanescente de Floresta Tropical Úmida de Encosta (Mata Atlântica), possuindo grande diversidade de espécies de flora e fauna tropical.

O Parque apresenta uma das maiores concentrações de cavernas do estado de São Paulo, somando mais de 200, algumas das quais, são conhecidas internacionalmente, constituindo assim, o principal foco turístico da região. O PETAR, encontra-se dividido em quatro núcleos de visitação: Santana, Caboclos, Ouro Grosso e Casa de Pedra, destinados principalmente à fiscalização e proteção ambiental, além do atendimento ao turismo, constituindo uma excelente opção de turismo espeleológico. Dentre estes, destaca-se o Núcleo Santana, com maior fluxo de visitação, que juntamente

com o Núcleo Ouro Grosso, situam-se nas proximidades do Bairro da Serra em Iporanga (SP), a margens o Rio Betari (afluente do Rio Ribeira de Iguape). (FIGUEIREDO, 1998 e 2000).

Durante os finais de semana e feriados prolongados, um grande número de turistas deslocam-se para a região do PETAR, utilizando os serviços dos diferentes setores da economia local, impulsionando o desenvolvimento do turismo na região que, durante as últimas duas décadas sofreu fortes transformações.

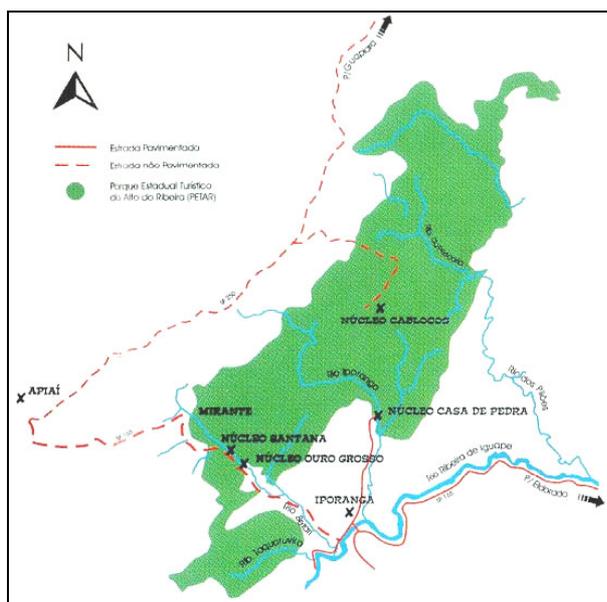


Figura 1: Mapa de Localização do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR-SP). Fonte: Mapa extraído do site Homepage das Cavernas de São Paulo (Jun, 2005).

TURISMO E AS PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS (PPNEs)

O turismo, baseia-se necessariamente no deslocamento do ser humano para outro local, não habitual, no qual o mesmo, passa desempenhar algum tipo de atividade, como lazer, negócios, entre outros (PRADO, 2001).

Segundo Lemos (2001), o turismo é considerado um fenômeno social de maior força econômica, que trará melhores condições de vida, através das muitas atividades que propicia, levando ao crescimento econômico, social e cultural de nações pobres ou ricas, sem nenhum tipo de distinção.

No Brasil e no mundo, existe um número cada vez maior de pessoas envolvendo-se com a prática do turismo em áreas naturais ou ecoturismo. Os principais fatores que possibilitaram este aumento do fluxo turístico nas áreas naturais, atribuem-se principalmente ao rico patrimônio natural existentes no território nacional, divulgação da mídia e possibilidade de viabilização do desenvolvimento econômico das regiões.

O ecoturismo é um segmento do turismo, que propicia o lazer em áreas naturais com fortes motivações conservacionistas e culturais. Ele utiliza as áreas naturais, como instrumento para atender a demanda crescente de pessoas que buscam tranquilidade, fugindo

do caos dos centros urbanos. Desta maneira, o ecoturismo deve propiciar ao indivíduo, uma oportunidade de contato com meio ambiente natural e levar o mesmo a reflexões sobre a conservação destes locais, com desenvolvimento sustentável, proporcionando o crescimento econômico das regiões.

O patrimônio natural de muitas regiões, estão protegidos através de dispositivos legais, denominadas de Unidades de Conservação (UCs), que de acordo com seus objetivos, podem ser destinadas a visitação, sendo necessário estabelecer diretrizes quanto aos seu uso público, através da implantação de um plano de manejo.

No Brasil, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) conceitua uso público em como as atividades educativas, recreativas e de interpretação ambiental, realizadas em contato com a natureza, de acordo com critérios especificado em seu plano de manejo. Seu principal objetivo é propiciar ao visitante a oportunidade de conhecer, de forma lúdica, os atributos e os valores ambientais protegidos pela unidade de conservação (IBAMA apud BARROS, 2003).

Nos últimos anos, um público diferenciado tem sido atraído pela prática do turismo em áreas naturais, no caso, Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais (PPNEs). Este grupo de pessoas, tem procurado atividades como: trekking, tirolesa, rapel, off-road, ciclismo, rafting, cavalgada, paraquedismo, paraglider, aqua ride, mergulho, surf, visita a cavernas, entre outros. No entanto, as propostas de uso público das Unidades de Conservação destinadas a visitação, não possuem suporte para receber este público diferenciado, seja pela ausência de infra-estrutura adaptada ou mesmo pela carência de recursos humanos especializados.

Segundo dados do último censo do IBGE (2005), existem 24,5 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência, que representam 14,9% da população. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), diariamente 500 pessoas tornam-se portadoras de algum tipo de deficiência no Brasil, vítimas de doenças, violência urbana ou acidentes.

Com o objetivo de atender esta demanda crescente do turismo em áreas naturais, impulsionado inclusive pela divulgação na mídia, algumas operadoras de turismo e Organizações Não Governamentais (ONGs) tem desenvolvido projetos de inclusão social, através da visitação ou da prática de esportes na natureza.

Alguns projetos importantes tem sido desenvolvidos chamando a atenção para esta importante questão social, dentre os quais, vale destacar o trabalho realizado pela ONG Aventura Especial, associação civil de direito privado, de caráter social, sem fins lucrativos, que criou o conceito de "Esporte de Aventura Adaptado" e defende a importância da prática para aqueles "que já estão acostumados a superar limites em atividades simples do cotidiano".

Segundo Edgar Werblowsky proprietário Aventura Especial:

não há dados sobre o perfil socioeconômico dessas pessoas nem estudos comportamentais,

mas eu me arrisquei por acreditar que elas só não viajam porque ninguém apostou nelas ainda. (Werblowsky, 2005).

Outro trabalho importante realizado no Brasil, é o da PPNEs Adriana Braun que criou a ONG Acessível e o projeto “Cadeirantes - Aventuras para um Brasil mais acessível”, e foi uma dos 14 integrantes (PPNEs) da expedição “Brasil Adentro”, que saiu de São Paulo e percorreu cerca de 15 mil km em 20 estados brasileiros, durante três meses. O objetivo desta expedição foi mapear os principais pólos ecoturísticos no Brasil e, com a participação de uma deficiente física, avaliar a acessibilidade nestes locais.

Comecei a pensar numa maneira de tornar os esportes de aventura mais acessíveis aos portadores de deficiências. O Cadeirantes, também trabalha orientando às agências de viagem que incluam esse público. (Adriana Braun, 2004).

Entre as expedições, destaque também para o “Desafio de Atitude” organizada e coordenada pelo médico e guia de aventuras Manoel Morgado que reuniu nove PPENs por vinte sete dias na região do Nepal, através de práticas de esportes de aventura como cayoning e trekking em elefantes, além de rafting no Rio Sun Kosi, um dos melhores rios do mundo para a prática deste esporte. A expedição contou com o apoio de profissionais especializados (médicos ortopedistas, psicoterapeutas), operadoras de ecoturismo do Nepal e Nova Zelândia que atuam com PPNEs a mais de quinze anos. O objetivo desta expedição, foi produzir material de registro durante a viagem, para posteriormente organizar eventos itinerantes em empresas, escolas, associações e instituições para portadores de necessidades especiais, com o intuito de despertar um novo olhar sobre a realidade destes aventureiros especiais no país.

Eventos importantes tem sido organizado, como a Feira Internacional de Tecnologias de Reabilitação e Inclusão Social, realizada em São Paulo em abril de 2003, sendo este, o maior evento do setor no país, e já tornou-se referência na América Latina. Cerca de 18 mil pessoas, conferiram gratuitamente, as mais recentes e altas tecnologias do mercado na área de reabilitação e inclusão, além de recentes publicações sobre o segmento. Conheceram o trabalho de algumas ONGs, associações e órgãos públicos como o Ministério Público Federal e OAB (Ordem dos Advogados do Brasil); participaram de importantes seminários; e assistiram a apresentações culturais de dança, capoeira, e desfile de moda realizado por pessoas com deficiência.

Como podemos citar acima, alguns movimentos estão sendo criados em nossa sociedade com objetivo de promover a inclusão social de portadores de necessidades especiais, na prática dos chamados esportes de aventura em áreas naturais, além da visitação em unidades de conservação. No entanto, trata-se de um

trabalho ainda incipiente no país, sendo necessário investimentos em estruturas de visitação e formação de recursos humanos especializados no atendimento deste público.

PESSOAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS (PPNE)

Segundo a Constituição Federal (1988), DEFICIÊNCIA FÍSICA é todo comprometimento da mobilidade, coordenação motora geral ou da fala, causado por lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas ou ainda por má formação congênita ou adquirida, podendo ser classificada como:

a) DEFICIÊNCIA MENTAL: atraso ou lentidão no desenvolvimento mental que pode ser percebido na maneira de falar, caminhar, escrever. O grau de deficiência mental varia de leve a profundo.

b) DEFICIÊNCIA VISUAL: caracterizada por uma limitação no campo visual. Pode variar de cegueira total à visão subnormal. Neste caso, ocorre diminuição na percepção de cores e mais dificuldades de adaptação à luz.

c) DEFICIÊNCIA AUDITIVA: perda total ou parcial da capacidade de compreender a falar através do ouvido. Pode ser surdez leve - nesse caso, a pessoa consegue se expressar oralmente e perceber a voz humana com ou sem a utilização de um aparelho. Pode ser ainda, surdez profunda.

d) DEFICIÊNCIA LOCOMOTORA: deficiência física que refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema ósteo-articular, o sistema muscular e o sistema nervoso.

A Lei Federal n.º 7.853, de 24 de outubro de 1989, estabelece os direitos básicos das pessoas portadoras de deficiência, dentre eles, o direito a educação (básica e superior), saúde, habitação, ir e vir, acessibilidade ao meio físico (públicos e privados) entre outros.

No entanto, infelizmente esse grande contingente de pessoas raramente é visto circulando e participando das diversas atividades presentes em nossa sociedade, pois, além da falta de acessibilidade na construção dos ambientes físicos, o preconceito ainda está presente em muitas pessoas.

A acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificações, espaço mobiliário e equipamentos urbanos é definida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pela norma NBR 9050/94 como sendo a possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de edificações, espaço, mobiliário e equipamento urbano.

Portanto, adaptar os ambientes utilizados, como as residências, os locais de trabalho, os hospitais, clínicas e consultórios, o comércio, as áreas de lazer (o que inclui as unidades de conservação destinadas a visitação) e os outros locais visitados regularmente, significa permitir, além do direito de ir e vir e da garantia de igualdade, uma concepção moderna de abordar o tema deficiência.

Algumas UCs, como os parques nacionais, estaduais e municipais, pelas suas características naturais e institucionais, devem exercer o importante papel de

propiciar condições para a educação ambiental ligada ao lazer e a recreação ao ar livre. Este papel deve propiciar a criação de uma postura ética em seus usuários, que nos tempos atuais, mais do que nunca, deve focar o sentido de conservação do patrimônio natural. No entanto, a utilização crescente dos recursos naturais para a prática do turismo, não tem sido planejada para receber este grupo de visitantes, dependentes de adaptações nos espaços e na infra-estrutura de visitação, para que os mesmos possam desfrutar destes recursos e desenvolver práticas ligadas ao lazer.

Em virtude desta incipiente adequação dos ambientes naturais destinados a visitação e de carência de mão de obra especializada, o presente trabalho pretende descrever uma atividade de visitação desenvolvida pelo Grupo de Estudos Ambientais da Serra do Mar (GESMAR) no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR) com uma Portadora de Necessidades Especiais. Além de uma experiência inovadora para nosso Grupo, este relato pretende estimular a discussão de especialistas em ecossistemas cársticos destinados a visitação, a discutirem propostas de uso-público em nossas unidades, para poderem receber este público diferenciado.

MÉTODOS

1º ETAPA: ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Dentro de nossa programação anual de atividades, organizamos a realização de uma atividade didática com os alunos da graduação do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA) e convidados, nas cavernas do Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), com o objetivo de difundir o conhecimento técnico científico e a prática da educação ambiental, estimulando a formação de futuros pesquisadores e atores sociais, que possam vir a contribuir com a região.

Entre os convidados que participaram da atividade, encontrava-se uma Pessoa Portadora de Necessidades Especiais (PPNE). Nossa aventureira é moradora do município de Diadema, estudante do curso superior em Biomedicina, na época com 23 anos e portadora de paraplegia de membros inferiores à treze anos, resultante de um tratamento de radioterapia contra o tumor de Hodingk. A mesma, já havia praticado esportes de aventura como trekking, rappel; mergulho livre e autônomo, chegando até a trabalhar em uma operadora de esportes radicais em Extrema (Minas Gerais).

Após o interesse de nossa aventureira especial, entramos em contato com os monitores ambientais que atuam no Parque, para podermos avaliar as possibilidades de realização e interesse dos mesmos em participar desta atividade.

Posteriormente realizamos uma reunião com a convidada, para avaliarmos as possibilidades de roteiros, sendo este suscetível a mudanças em virtude da avaliação dos monitores do Parque e de suas próprias possibilidades durante o desenvolvimento da visita. Esta reunião também teve o intuito de coletarmos informações sobre como procederemos com a mesma em

virtude de suas necessidades especiais (alimentação, medicamentos, cuidados, etc). Em seguida realizamos uma reunião interna do GESMAR para discutirmos como procederíamos durante a atividade, na qual definimos os seguintes aspectos a serem seguidos durante a visita:

- Necessidade do acompanhamento de um membro do grupo junto com o monitor ambiental durante toda atividade, fornecendo apoio para realização da mesma;
- Contratação de carro de apoio para eventuais situações de emergências;
- Possibilidades de roteiros alternativos que se adequassem às condições da aventureira (bóiacross, passeio a cavalo, rapel);
- Formas de deslocamento (equipamentos e meios de transporte);
- Avaliação do alojamento e condições para receber uma cadeirante;
- Contatos com a empresa de ônibus de viagem para checar a possibilidade quanto ao transporte da aventureira;
- Sistema de saúde capacitado para encaminhar os visitantes em eventuais situações de emergências.

De acordo com as experiências do Grupo adquiridas em nossas atividades de visitação no PETAR há quase 20 anos, foi definido o seguinte roteiro para nossa aventureira, sendo este, sujeito a alterações dependendo das circunstâncias momentâneas, apresentadas durante a atividade:

- **1º dia** (sábado – 16 de outubro): Caverna Santana (parte turística), Caverna Morro Preto (Pórtico de entrada) e Cachoeira das Andorinhas;
- **2º dia** (domingo – 17 de outubro): Caverna Alambari de Baixo (passagem pelo conduto do rio utilizando bóia ou colete salva-vidas), bóia cross.

2º ETAPA: REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE

Chegamos ao Bairro da Serra (Iporanga-SP) as 6h30 da manhã (sábado). O Parque disponibilizou um carro oficial (caminhonete) para o transporte da aventureira, bagagens e mantimentos até o Núcleo Ouro Grosso, já que, carros que não possuem tração 4x4 e ônibus não conseguem cruzar o rio que separa o Núcleo do Bairro da Serra.



Fotografia : Alojamento do Núcleo Ouro Grosso utilizado para hospedar nosso grupo de visitantes. Daniela dos Anjos, out de 2004.

“... logo que chegamos em Iporanga, tive a oportunidade de fazer “Off-road” com o carro do PETAR. O mais divertido disso era tentar gravar alguma coisa com o jipe chacoalhando”. (NUNES, 2005).

Em seguida, nos encaminhamos para o núcleo de visitação Santana, onde encontram-se as principais cavernas e a área que possui maior infraestrutura turística do Parque. O Núcleo possui um centro administrativo, com ambulatório para primeiros socorros, portaria e guarita de recepção, quiosques, sanitários, lavanderias e área para camping, que atualmente, encontra-se desativada (FIGUEIREDO, 1999). Neste trajeto, contamos com apoio do carro de apoio disponibilizado pelo grupo, que permitiu o acesso até as proximidades do quiosque de controle acesso as cavernas.

“... fui até o núcleo com o carro de apoio admirando o PETAR! Como é milagroso e maravilhoso sentir a expectativa do momento de ver uma caverna”. (NUNES, 2005).



Fotografias : Quiosque de recepção de visitantes do Núcleo Santana (PETAR). Daniela dos Anjos, out de 2004.

As atividades iniciaram-se a partir das 9h00. Os visitantes foram divididos em quatro grupos compostos por aproximadamente dez pessoas, entre eles, jovens, adultos e idosos. Cada grupo contava com o acompanhamento de um monitor local e monitores do GESMAR. No entanto, o grupo de nossa aventureira contou com o monitoramento de dois monitores locais que trabalharam em conjunto no desenvolvimento da atividade e um monitor do GESMAR para acompanhá-la e dar suporte físico e até emocional.

O desenvolvimento das atividades com o grupo no qual estava a aventureira ocorreram como nos demais grupos: ritmo e tempo foram definidos de acordo com as condições físicas dos participantes, equipamentos e meios de transporte adaptados de acordo com as necessidades dos mesmos. Para o transporte de nossa visitante durante as trilhas e visitação das cavernas, foi preparado uma amarração especial feita com fitas utilizadas para técnicas verticais, buscando propiciar o máximo de conforto possível, oferecendo segurança e facilidade no desenvolvimento da atividade pelo monitor.

“... indo para a caverna Santana fui até a pinguela de cadeira de rodas. No momento em

que atravessamos, fiquei com medo da cadeira escorregar das mãos dos monitores ou do tronco rolar. Em seguida os monitores colocaram as “faixas” para me carregarem de cavalinho... Eles são muito preocupados, cuidadosos e hilariantes... a sensação de subir uma escada depois de treze anos de paraplegia, foi muito divertido”. (NUNES, 2005).

A primeira visita realizada, foi a caverna Santana (SP-041) que, com seus quase 6.000m de desenvolvimento, é considerada uma das maiores cavernas do estado de São Paulo. Esta caverna possui passarelas para o caminhamento e escadas que auxiliam as visitas aos salões superiores. Esta cavidade é conhecida principalmente pelas suas belas ornamentações, possuindo raros e variados espeleotemas.



Fotografia : Monitores ambientais realizando a visitação da caverna Santana com nossa aventureira. Daniela dos Anjos, out de 2004.

“... fiquei encantada com as formações rochosas que a natureza levou milhares de anos para formar... o único momento em que fiquei receosa, foi no apagão. Enquanto isso o monitor começou a tocar sons nas estalactites... parecia o fantasma da opera! Surpreendente também foi saber que estávamos a uma altura enorme, que só havia uma tábua pequenina, enquanto seguia acompanhando o ritmo do corpo do monitor...”. (NUNES, 2005).

Seguimos então para a Caverna Morro Preto (SP-021), que possui gigantescos salões com enormes blocos abatidos logo na entrada, além de seus importantes sítios arqueológicos.



Fotografia : Trabalho dos monitores durante a visitação. Daniela dos Anjos, out de 2004.

“... Na Morro Preto, foi outro espetáculo! Ficamos no outro lado da caverna, o que gerou

muita adrenalina... só fiquei receosa, quando o monitor foi dar o giro para descer a escada... neste momento confesso que não passou um átomo de carbono ensaboado, mas encarei tudo numa boa". (NUNES, 2005).

Após visitação da Caverna Morro Preto (pórtico), a aventureira deslocou-se à Cachoeira das Andorinhas e os demais participantes à Caverna Água Suja.

"... na cachoeira foi tudo surpreendente devido a sua extrema beleza. Os instrutores me levaram na raça, com muito esforço para chegarmos até lá... de minha parte fiz força e me cansei também. Mas, valeu a pena quando vimos um milagre da vida acontecer: beija-flores tomando água e banho; uma família de macacos-pregos in natura! Isso nos dava muita paz, que era bem-vinda e que eu não sentia em meu peito há muito tempo! Apreciamos e voltamos com os instrutores "pulando a cerca", chegamos ao núcleo então, cansados e com fome". (NUNES, 2005).

O enceramento das atividades de visitação ocorreu aproximadamente às 20h00; houve pequenas variações de horários de chegada entre os grupos.

Durante a noite preparamos uma confraternização entre os visitantes.

No dia seguinte as atividades iniciaram-se a partir das 9h00. Neste dia, o deslocamento de nossa visitante foi realizado com o auxílio de um burro, que permitiu que atividade inicia-se descontraída.

"... no domingo, o grande comentário foi o do burro, meu único receio era do animal se assustar e correr comigo em cima! Mas depois de encontrar a posição correta e acompanhar o trote, tudo correu bem". (NUNES, 2005).



Fotografia : Burro utilizado para o transporte de nossa visitante. Daniela dos Anjos, out de 2004.

Nossa atividade iniciou-se na Caverna Alambari de Baixo (SP-012). Esta gruta possui amplos salões, desníveis acentuados, presença do conduto principal formado pelo leito do rio, além de galerias superiores

com grandes blocos abatidos, sendo considerada, uma caverna muito esportiva.

"... tiramos fotos e registramos tudo em minha mente. As pessoas, a natureza, a casa de sapê (será que tinha triatomíneos lá?) e ainda bem que o burro não empacou. Medo eu senti novamente quando começamos a descer o morro que iria dar acesso a caverna Alambari". (NUNES, 2005).

Planejamos a travessia da gruta com nossa visitante pelo leito do rio, com o auxílio de colete salva-vidas, enquanto os outros visitantes realizariam a maior parte da travessia pela parte seca, descendo para o rio apenas no trecho final. No entanto, de acordo com a avaliação dos monitores e da vontade de nossa aventureira, tomamos a decisão de seguir pelo mesmo caminho que os outros visitantes.

" quanto mais entrávamos, mais a escuridão tomava conta de nós. A sensação de caverna, o silêncio, o som da respiração é a única coisa que ouvimos, o que empolgou muito era saber que talvez eu conseguiria atravessar a caverna. Junto com Santana foi a caverna mais excitante e surpreendente". (NUNES, 2005).



Fotografia : Entrada da Alambari de Baixo. Daniela dos Anjos, out de 2004.

Em seguida nossa aventureira seguiu a "trotés" para o Rio Betari, no qual teve a oportunidade de realizar boiacross. O percurso realizado foi desde a ponte de acesso ao Núcleo Ouro Grosso, até a ponte localizada na saída da Caverna Alambari de Baixo.

"... logo depois fomos para o boiacross. No caminho, agradei à Deus por estar naquele paraíso, pelas pessoas que estavam comigo e de certa forma acreditaram em mim e no meu potencial. Me surpreendi comigo mesma e de certa forma pude mostrar e provar para certas pessoas que eu tive uma fatalidade em parar de andar, mas que isso não é sinônimo de morte. Tudo que senti ninguém vai tirar, tudo que admirei vai ficar, pessoalmente eu me senti muito realizada em estar ali. Assuntos menos

importantes, que me incomodavam acabaram ali. Me revitalizei, me emocionei...". (NUNES, 2005).

Encerramos nossa atividades no Parque, as 15h00 retornando com todos os visitantes para o Alojamento. Neste momento, contamos mais uma vez com o apoio da caminhonete do Parque para realizarmos o transporte de nossa aventureira e de das bagagens dos visitantes até ônibus.

Nosso retorno a Santo André (SP) conclui-se as 23h00 onde desembarcamos no campus do Centro Universitário Fundação Santo (FSA). Neste momento nossa aventureira foi recebida por seus familiares encerrando-se assim esta dupla experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização desta importante atividade para nosso Grupo, descrevemos aqui algumas orientações importantes que podem contribuir com novas atividades em unidades de conservação, sejam elas, realizadas por Agências, ONGs, Associações ou mesmo grupos ambientalistas ou de espeleologia que venham a atender este grupo de Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais, que aos poucos vem se tornando cada vez mais ativo na prática do ecoturismo.

- Antes de qualquer possibilidade de realização de uma atividade deste tipo, recomenda-se que a Pessoa Portadora de Necessidades Especiais possua boas condições físicas e psicológicas sendo necessária uma avaliação de um especialista em medicina;
- Realização de avaliação psicológicas e físicas dos visitantes "in loco", antes da realização do roteiro proposto, uma vez que cada indivíduo possui suas particularidades e respondem de maneira diferente as situações encontradas;
- Levantamento de todas as necessidades especiais que o visitante necessita, incluindo medicamentos e alimentação;
- Faz-se necessários cuidados especiais, dentre os quais, podemos destacar o respeito aos limites de quem quer praticar esportes de aventura;
- A adaptação dos esportes de aventura depende da equipe que coordena a atividade e de quem quer praticá-la;
- Durante a elaboração de novas infra-estruturas para áreas naturais destinadas a visitação, deve-se levar em consideração o conceito do designer universal. O designer universal propõe que os espaços sejam projetados de forma a atender ampla gama da população, considerando as variações de tamanho, sexo, peso, ou diferentes habilidades ou limitações que as pessoas possam ter. Desta forma a elaboração dos projetos de infra-estrutura em unidades de conservação devem prever atender esta demanda de pessoas que requerem adaptações aos espaços físicos de nossas unidades;
- Necessidade de adaptações nos equipamentos pessoais como as cadeiras de rodas que necessitam

de dimensões especiais que podem variar de acordo com o tamanho do usuário com uma estrutura física apropriada para o deslocamento pelas trilhas mais planas e estradas de terra;

- Especialização das agências de ecoturismo e afins no desenvolvimento deste tipo de atividade;
- Desenvolvimento de Programas de Formação de Monitores Ambientais com enfoque para atendimento desta demanda de PPNEs que ainda é esporádica, mas que poderá vir a se tornar freqüente;
- Necessário que as empresas especializadas na confecção de equipamentos voltados para prática dos esportes de aventura, desenvolvam equipamentos adaptados para que este público possa a interagir cada vez mais com a prática do turismo de aventura, possibilitando assim que estes passem a desfrutar dos mesmos prazeres e sensações que outros visitantes.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 9050/94: Acessibilidade de Pessoas Portadoras de Deficiência a Edificações, Espaço, Mobiliário e Equipamentos Urbanos*. Disponível em: www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/ABNT/NBR9050-31052004.pdf. Acesso em: 25 de maio de 2005.

BARROS, Maria Isabel Amando de. *Caracterização da visitação, dos visitantes e avaliação dos impactos ecológicos e recreativos do planalto do Parque Nacional do Itatiaia*. 2003. 120p. Dissertação (Mestrado em Recursos Florestais) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL, 1989. *Lei nº 7.853, de 24 de Outubro de 1989*. Disponível em: www.presidencia.gov.br/ccivil_03/Leis/L7853.htm. Acesso: 25 de maio de 2005.

BRASIL, 1998. *Emenda constitucional nº20, de 15 de dezembro de 1998*. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc/emc20.htm. Acesso: 25 de maio de 2005.

BRAUN, Adriana. ONG orienta portadores de deficiências físicas em esporte radical. 2005. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u3754.s. Acesso em: 15 mai, 2005.

FIGUEIREDO, L. A. V. de. Cavernas brasileiras e seu potencial ecoturístico: um panorama entre a escuridão e as luzes. In: VASCONCELOS, F. P. *Turismo e meio ambiente*. Fortaleza: UECE, 1998.

FIGUEIREDO, L. A.V. de. “O ‘meio ambiente’ prejudicou a gente...”: políticas públicas e representações sociais de preservação e desenvolvimento; desvelando a pedagogia de um conflito no Vale do Ribeira (Iporanga-SP). 1999. 489 p., il. color. + anexos. Dissertação (Mestrado em Educação, área de Educação, Sociedade e Cultura) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2000.

LEMOS, Amalia Ines G. de. (Org.) *Turismo: impactos socioambientais*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001, 305p.

NUNES, Erica. Artigo: *PETAR*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <rzampaulo@yahoo.com.br> em 28 de mai. 2005.

PRADO, Alexandre Curvelo de Almeida. *Impactos do ecoturismo no Parque Estadual da Serra do Mar*. 2001. 171p. Dissertação (Mestre em Turismo) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo.

WERBLOWSKY, Edgar. *Aventura Especial*. 2005. Disponível em: www.aventuraespecial.com.br. Acesso em: 15 mai, 2005.